

# As faces da maternidade real

**DESAFIOS.** Dara Calaça com os filhos Yan e Yakini; mãe precisa do suporte de amigos, vizinhos e familiares



# As faces da maternidade real

Dara Calaça e Giovanna Fernandes relatam alegrias e desafios ao longo da criação dos filhos

**BEATRIZ MIRRELE**  
beatrizmirrele@gabc.com.br  
**THAINÁ LANA**  
thainalanat@gabc.com.br

A maternidade pode ser prazeroso e, ao mesmo tempo, consistiva. Pode ser leve em alguns momentos e extremamente desgastante em outros. O processo de criar um ser humano é exaustivo e gera diversos sentimentos nas mães, como alegria, realização, frustração, preocupação, além de muitos desafios.

Falar sobre as alegrias, mas também sobre as dificuldades do maternar faz parte de um movimento recente da mulher contemporânea, que busca mostrar, muitas vezes na internet, a realidade diária da maternidade, em vez de apenas romantizar essa etapa da vida. Neste Dia das Mães, come-

morado hoje, Dara Sabino Calaça, 41 anos, de São Caetano, e Giovanna Fernandes, 27, de Santo André, compartilham as facetas da maternidade real. As mulheres celebram, mas ressaltam a importância e a necessidade de redes de apoio para criação dos filhos e para combater o esgotamento das genitoras.

O sonho de ser mãe sempre existiu na supervisora de educação Dara Sabino, mas quando a primeira filha nasceu, em 2011, ela passou pelo que define como o pior momento da vida, pois no ano anterior havia perdido sua mãe e sua avó materna – ambas em decorrência de câncer de intestino.

O nascimento de Yakini Calaça de Castro, 13, trouxe um novo desafio à vida de Dara: a maternidade atípica. Aos 6 meses de vida, a menina começou a fazer terapias por conta de atrasos no desenvolvimento e recebeu inicialmente o diagnóstico de microcefalia – em 2020, após passar em médico especialista, foi confirmado que ela tinha hipoplasia cerebral, malformação congênita do cérebro.

“Sempre quis construir uma família, mas quando descobrimos que a Yakini tinha alguma deficiência foi um momento difícil, pois tinha perdido minha principal rede de apoio, minha mãe e minha avó. Elas sempre me deram suporte durante toda vida. Foi uma fase de aceitação e compreensão, só pensava como iria administrar tudo, mas onde há amor há paciência, entendimento, carinho e não existem limites”, diz.

Para enfrentar os obstáculos, a mãe encontrou suporte de amigos, vizinhos e familiares, e com a ajuda começou a resgatar sua autonomia. “Não temos superpoderes, não somos guerreiras, não somos santas, estamos aprendendo durante o processo. No caso da Yakini, ela é completamente dependente de mim, se eu não der comida ela não come, se não trocar a fralda suja, então aprendi a receber ajuda até para poder cuidar melhor dos meus filhos”, pontua Dara, que também é mãe do pequeno Yan Calaça de Castro, 9.

Pelo direito dos filhos, Dara precisou travar verdadeiras

batalhas no município. Isso porque a primogênita, Yakini, estudava na EEB (Escola de Educação Básica) Anne Sullivan, que teve as atividades encerradas em dezembro de 2022. Para que a menina pudesse continuar com os estudos, entrou na Justiça e garantiu a vaga na Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de São Caetano.

“É um desafio constante, mas a maternidade me trouxe muita maturidade, evolui muito, principalmente como mãe atípica. Foi tirada da minha zona de conforto e forçada a ser mais paciente. É difícil, sim, são muitos desafios, mas ser mãe é uma experiência grandiosa, só quem vivencia sabe”, afirma.

Assim como Dara, a professora de yoga Giovanna Fernandes, 27, sempre almejou ser mãe. “Na minha adolescência, sonhava que tinha uma filha e acordava desalinhada de saudade. Em 2020, fiquei grávida no primeiro encontro que tive com uma pessoa que não conhecia direito. Isso me fez repensar a maternidade. Sinto prazer em ser mãe. As dificuldades que me cercam me fazem repensar se continuei a gravidez por uma vontade genuína ou por uma reprodução do patriarcado, de que toda mulher precisa ser mãe”, pondera.

Para Giovanna, que é mãe da Violeta, 3, a desigualdade na separação de responsabilidades é o que mais incomoda. “Fiquei três anos com o pai da minha filha. Depois que me separei, esse desequilíbrio ficou ainda mais discrepante. Ele mudou para outra cidade e eu acabei criando ela praticamente sozinha. Minha irmã e três amigas me ajudam bastante, mas elas não são uma rede de apoio que está à disposição a qualquer momento.”

Apesar dos desafios, Giovanna considera que a filha a ajuda diariamente a ser uma pessoa mais compreensiva. “É um amor muito intenso. Depois que ela nasceu, presto muita atenção em como vou reagir diante das situações do dia a dia. Quero que ela se sinta acolhida e respeitada. Isso repercutiu na forma como eu trato todas as pessoas à minha volta. A Violeta instiga o meu autoconhecimento.”

## ‘Precisei me reencontrar como mulher’

Marcar as consultas com o pediatra, trabalhar, ajudar na lição de casa, fazer comida, levar à escola, administrar as contas. Essas são algumas das muitas tarefas que recaem sobre as mães. Nesse contexto, encontrar tempo para priorizar o autocuidado é um dos maiores desafios dessas mulheres que estão em uma rotina que consiste majoritariamente em zelar pelo outro.

“Minha mãe deixou de trabalhar para cuidar de mim e da minha irmã. Eu percebi que ela era só mãe, não existia a mulher. Por isso, vejo que eu não consigo dar o meu melhor como mãe se não tiver momentos para explorar minha individualidade. É interessante como a minha filha entende essa minha necessidade de ter momentos sozinha. Não posso me sentir culpada por querer isso. Filha, vai passear e ela não chora, não me contraria. Compreendo que preciso desse espaço. Acho que isso vai refletir de forma positiva na vida dela, principalmente para que a longo prazo ela não mantenha certos laços de dependência comigo”, diz a professora de yoga Giovanna Fernandes, 27 anos, mãe da Violeta



**AUTOCUIDADO.** Para dar o melhor à filha, Giovanna diz que precisa também ter individualidade

ta Pereira, 3. Segundo Giovanna, conseguir algum tempo sem a filha é essencial para se enxergar como mulher para além da maternidade. “A maternidade tira a nossa ingenuidade e irresponsabilidade, mas também corta partes da nossa essência. Depois que a criança vem, precisamos resgatar quem somos. Ter hobbies e fazer atividade física me ajudam nisso.”

Dara Sabino Calaça, 41 anos, afirma que já se sentiu “menos mulher” depois que se tornou mãe e também precisou recorrer a atividades fisi-

cas e novas experiências para recuperar a autonomia. Para isso, a moradora de São Caetano conta com ampla rede de apoio para auxiliar com os dois filhos, Yakini Calaça de Castro, 13, e Yan Calaça de Castro, 9.

Prática de esportes radicais, como rapel, e sessões de terapia foram as atividades escolhidas por Dara para poder se reconectar. “Realmente a gente se perde. A pandemia da Covid-19 foi um dos momentos mais complicados, porque sempre trabalhei fora, e naquele período era mãe de duas

crianças 24 horas por dia. Sem encontrar suporte em São Caetano, decidi criar um ambiente seguro para mim e para outras mães que estavam passando pela mesma situação”, afirma.

Assim, foi criada a AMP (Associação de Mães e Cuidadores de Pessoas com Deficiência), instituição dedicada ao fortalecimento da identidade feminina e ao suporte a mães atípicas. “Já fizemos várias ações, como passeios com os filhos, rodas de conversa e até dias de beleza para fortalecer nossa individualidade”, finaliza Dara.

BM e TL

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 3